

## ***Dos Ermos aos Caminhos dos Gerais***

Gilberto Mendonça Teles

O que deverei estudar um dia na obra de Bernardo Élis, sobretudo em torno desse livro admirável que é *Ermos e Gerais*, não é bem a natureza verossímil ou não de seu realismo — desse realismo literário dos anos 30/40 —, de resto tão bem explorado (bem e mal) por quase todos os que escreveram sobre a sua obra. Nem tampouco me interessa pôr em relevo os aspectos conteudísticos que, por força desse mesmo realismo, fizeram da obra de Bernardo Élis o **lugar** privilegiado de discussões inúteis sobre problemas político-sociais, de que principalmente os mal preparados **censores** não puderam escapar com dignidade.

**C**om raras exceções, os estudiosos da ficção de Bernardo Élis têm-se colocado dentro dos limites desse quintal “realista” (assim mesmo, com aspas, para que não se confunda com o verdadeiro realismo, que é em última instância a própria **linguagem**, ou seja, a sua totalidade de relações, inclusive as relações com a **língua**). Aí, na área desse quintal, sob a ótica de uma concepção menos técnica, a obra de Bernardo Élis apenas tem revelado a cicatriz mais visível de sua circunstância regional: o regionalismo das formas lingüísticas (da língua e não da linguagem) e, por isso mesmo, uma semântica mais ideológica do que necessariamente literária.

Numa nova releitura de sua obra (de *Ermos e Gerais* a *Caminho dos Gerais*, antologia organizada pela Civilização Brasileira, sem esquecer, é claro, a *Seleção* que organizei para a José Olympio), fui novamente tocado pelo vigor das transformações que aparecem quando se comparam as figuras do discurso narrativo, não só de conto a conto, mas de livro a livro. Essas transformações são de ordem técnica e revelam o acervo de conhecimentos retóricos sabiamente manipulados pelo escritor. Assim, só mesmo a partir de uma reflexão totalizante de sua obra (mas numa totalização em que as unidades mais simples sejam percebidas integradas ou relacionadas com as mais complexas) é

que se pode avaliar o valor ficcional de Bernardo Élis, a força estética organizadora de seu discurso narrativo.

Em 1969, a propósito de *Caminhos e Descaminhos*, indiquei alguns elementos das transformações operadas em relação ao seu primeiro livro e cheguei a escrever que o escritor exibia então a sua agilidade artística e revelava em plenitude “a consciência de que a literatura não é simplesmente um **fundo** ficcional a ser transmitido: é muito mais do que isto, uma vez que todo o valor desse conteúdo não é mais do que o valor da **maneira** como se deixa transmitir; ao interesse argumental se contrapõe hoje o virtuosismo técnico”. Agora, numa retrospectiva que parte de *Veranico de janeiro*, mais ainda vejo confirmadas aquelas observações e descubro novos procedimentos literários que, aprofundados, poderão constituir excelentes interpretações dos sentidos mais profundos de sua obra.

**M**enciono por enquanto apenas dois desses procedimentos. O primeiro diz respeito ao **narrador** e está ligado a uma concepção do conto, gênero que a crítica brasileira está sempre teimando em ver como núcleo do romance, aplicando naquele as coordenadas teóricas deste, sem se dar conta das “leis” próprias da narrativa curta. Pois bem, o narrador de *Ermos e Gerais* procede de maneira bem diferente do narrador dos outros livros. Ele narra como se estivesse contando oralmente o que acabara de ouvir. Por trás de cada conto de *Ermos e Gerais* está, pode-se dizer, a estrutura de uma estória ou de um **causo**, quando não de uma lenda ou de um mito. É uma estrutura simples que suporta uma fábula (no sentido dos formalistas russos) também simples e por isso contada com o auxílio das técnicas da narrativa oral. É esse sentido de oralidade que determina a ressonância lingüística do coloquialismo que marca as falas de narrador e personagem, já que a distância entre as duas figuras se vê às vezes praticamente eliminada. Daí o uso das técnicas dos contos populares (a abertura e fechamento dos contos, por exemplo) que o escritor vai buscar na tradição oral, bastante viva entre nós e funcionalmente representativa dos povos com grandes índices de analfabetismo.

O segundo tipo de procedimento diz respeito à variação de outras figuras narrativas (a descrição, o ponto-de-vista, o registro das falas, o espaço, o tempo e a própria configuração das personagens, além, é claro, das perspectivas filosóficas em que os temas são abordados de livro para livro, nesse período de trinta e cinco anos de produção literária). O acompanhamento das modificações operadas nessas figuras narrativas (inclusive das figuras impropriamente ditas de linguagem) enseja uma série de reflexões críticas que, sem menosprezar ou supervalorizar o lingüístico e o ideológico, apontam para a totalidade do ser literário, e não apenas para um e outro elemento accidental, quando visto separadamente.

É através de uma análise abrangente que a trilogia de Bernardo Élis (*Ermos e Gerais*, *Caminhos e Descaminhos* e *Veranico de Janeiro*) revela a sua coerência e põe à mostra toda a performance artística

desse escritor que construiu no interior do Brasil uma das obras mais sólidas de nossa literatura. Uma obra que não é simplesmente documento (social e lingüístico), mas símbolo da nossa própria transformação cultural. E, como todo símbolo, aponta para duas realidades: a dos **ermos** que ainda existem e a dos **caminhos** que começam a revelar a vida dos **gerais**, onde, segundo um poema ainda inédito, escrevo poeticamente que

Ainda  
há índios.

Transcrição do Suplemento *Cultura*, *Folha de Goyaz*. Goiânia, 12 ago. 1979 – Fundo Bernardo Élis/CEDAE.